

Capítulo 2

RECOMPONDO MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO

Jussara Cassiano Nascimento



Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de perigo.

Walter Benjamin



Relebrar fatos vividos e ocorridos durante nossas vidas é sem dúvida nenhuma estimulante; pois com certeza muitas marcas deixamos para traz ou a trazemos conosco. Durante nosso percurso de vida acumulamos saberes com os quais definimos nossa postura de vida e conseqüentemente nossa maneira de lidar com o outro.

A cada dia que nos relacionamos com outras pessoas, seja no seio familiar, seja em nosso trabalho e em todos os lugares, estamos aprendendo e enriquecendo nossos conhecimentos. Nesse processo de interação com o outro conversamos, trocamos, aprendemos e ensinamos e dessa maneira, nos relacionamos com as outras pessoas, produzindo conhecimentos.

Escrever acerca desses processos de viver e produzir conhecimentos nos diferentes cotidianos em que aprendemos e ensinamos vem ganhando relevo nas pesquisas atuais, principalmente na área da educação. Nesse espaço-tempo (Alves, 1999) tem ganho relevo as escritas autobiográficas de professores e professoras (Nóvoa, 1995), personagens comuns do contexto escolar, que têm contribuído para resgatar histórias da escola e dos processos de aprenderensinar (Alves, 2001) a partir das experiências e momentos vividos por esses e essas profissionais.

Esses processos mnemônicos transportam os/as autores/as para tempos longínquos guardados em suas memórias. Trazendo situações, desejos mais íntimos e segredos escondidos que vêm à tona através de questões reveladoras sobre suas vidas pessoal e profissional. Nesse sentido Dominicé (1990) afirma que a vida é o lugar da educação e a história de vida, o terreno no qual se constrói a formação (p.167).

Quando buscamos na memória resgatar histórias que ficaram para trás, estamos selecionando recordações, sentimentos, momentos alegres ou tristes; fáceis ou difíceis, experiências vividas que escolhemos para registrar. Esse é um dos dilemas clássicos do/a pesquisador/a, o que escolher para registrar? O que deve ser contado e o que será omitido? Essa é uma decisão que cabe somente ao/a pesquisador/a.

Escolhi começar a narrar minha trajetória de estudante e posteriormente de educadora; a partir da minha infância, pois foi um período bastante significativo para mim enquanto pessoa e hoje educadora.

RECOMPONDO MINHA TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO

A casa em que morava enquanto criança; era uma escola. Minha mãe dava aulas em nossa casa e eu adorava ajudá-la. Naquela época minha mãe não tinha formação adequada e resolveu estudar para que pudesse registrar a escola. Sentiu necessidade de buscar um maior aperfeiçoamento profissional chegando até a Universidade.

Comecei minha trajetória escolar, em uma escola oficial, na terceira série; pois aprendi a ler e escrever em casa com minha mãe. Ao ser matriculada em uma escola pública; no bairro de Alcântara no Estado do Rio de Janeiro, me foi aplicado um teste e este verificou o grau de conhecimentos que eu já possuía e por isso fui matriculada na terceira série primária aos sete anos de idade.

No ano de 1973 fui fazer o Curso Normal no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira em Duque de Caxias, trazendo para minha família, grande momento de alegria e felicidade; pois ser normalista do Instituto de Educação naquela época, era considerado o máximo das conquistas; principalmente para uma moça negra como eu.

No Instituto de Educação, minha vontade de ser uma educadora se confirmava a cada dia com as aulas e estágios que fazíamos durante todo curso. As normalistas desde o primeiro ano do curso, deveriam iniciar seus estágios pedagógicos; e ao final do curso deveriam ter passado por todos os segmentos desde a Educação Infantil até a quarta série.

No ano de 1976 abriu concurso para o Município do Rio de Janeiro e já tendo médias necessárias para me formar recebi declaração de conclusão do curso Normal.

Com essa declaração em mãos; no último dia de inscrição para o concurso para atuar na prefeitura do Rio de Janeiro, me inscrevi e mesmo antes de terminar o último bimestre do curso Normal, passei no concurso. A alegria tomou conta de todos no Instituto de Educação. Meus professores não se continham em contar e estimular outras meninas que como eu, desejavam assumir uma turma, após o curso.

Mesmo tendo pouca idade e falta de experiência em uma escola pública, cheguei no ano de 1977 a Escola Municipal Herbert Moses no Jardim América, Rio de Janeiro para trabalhar. O espanto da direção e dos colegas de trabalho era visível; porém eu estava ali disposta a enfrentar todos os desafios. Preocupada com a pouca idade que eu tinha e pensando nas turmas difíceis que tinha naquela Unidade Escolar a direção resolveu colocar-me na Secretaria da escola. Em meio a muitas lágrimas e conversas; consegui que ela voltasse atrás e me entregasse uma turma que estava sem professora.

A turma tinha quase a minha idade uma vez que eram alunos de segunda série repetentes a cinco anos. Mesmo com a pouca idade e inexperiência para lidar com tantos alunos, percebi que eles não conseguiam seguir adiante devido ao fato de não saberem ler o que lhes era proposto e todo trabalho que desenvolvi com essa turma, foi através da Alfabetização. A partir daí, comecei a conquistar o respeito de todos daquela unidade escolar e mesmo sendo a mascote do grupo de professores; a alfabetização fez parte de minha trajetória docente por alguns anos.

Passados alguns anos me casei e tive dois filhos e conciliar as tarefas do lar e trabalho docente não foi nada fácil; uma vez que mesmo distante dos bancos escolares; procurei estar sempre presente nos cursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação.

Quando meus filhos chegaram em idade de frequentar a Educação Infantil, pedi remoção para uma escola próxima de minha casa: Escola Municipal Tarsila do Amaral no bairro de Irajá, Rio de Janeiro. E novamente iniciei minhas tarefas docentes com a Alfabetização. Logo após a escola sofreu uma grande reforma e foi construído um prédio anexo somente para a Educação Infantil e foi nessa época que voltei a trabalhar com a Educação Infantil.

Então, resolvi aprimorar meus conhecimentos buscando interligar minha experiência com as teorias educacionais ligadas à infância. Me inscrevi no Vestibular da UERJ e fui aprovada, iniciando meus estudos no Curso de Pedagogia.

A partir do meu ingresso na Universidade, comecei a perceber a importância da Pesquisa na Educação e logo fui convidada a fazer parte do Grupo de Pesquisa Rede de Conhecimentos em Educação coordenado pela Professora Doutora Nilda Alves. Nesse grupo, comecei a ler e discutir diversas teorias educacionais. Elas me ajudavam a dialogar com a prática; além de ter a oportunidade de participar de vários eventos acadêmicos como: palestras, congressos e seminários que nos eram sugeridos.

Ao concluir o Curso de Pedagogia, resolvi me inscrever no Curso de Pós-Graduação em Educação Infantil da PUC/ RJ, com o objetivo de continuar ampliando minha formação e conhecimentos ligados à infância.

Algumas questões me instigaram participar desse curso: a formação de profissionais de Educação Infantil, a atuação desses profissionais diretamente com as crianças no ensino Fundamental, a Alfabetização, as alternativas pedagógicas para a Educação Infantil; dentre outras.

Ao final de um ano e meio de Especialização, resolvi cursar a Disciplina Docência do Ensino Superior também na PUC/RJ e ao terminar o curso de Especialização, passei no concurso público para o Mestrado em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

O INGRESSO NO CURSO DE MESTRADO

Ingressar no Mestrado logo após o curso de Especialização, foi motivo de surpresa para mim, pois me inscrevi como um teste, onde eu iria verificar como era uma prova para ingressar no Mestrado. Felizmente fui aprovada e tive como orientadora a Professora Doutora Carmen Sanches, na Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias.

Achei o tempo do Curso de Mestrado muito curto. Sentia que ainda precisava de mais tempo para amadurecer as teorias que estavam sendo apresentadas para mim.

Inicialmente fui encaminhada a ser orientanda por outra professora, pois os mestrandos das primeiras turmas, não escolhiam seus orientadores, era o programa que os encaminhava. O problema é que a professora que me foi destinada, não pesquisava alfabetização, então solicitei a troca de orientador. Ao trazer meus argumentos à Coordenação do Programa, fui encaminhada a professora que eu desejava a Prof. Dra. Carmen Sanches.

Essa troca de orientação só aconteceu um ano depois do meu ingresso, então tive que fazer os estudos, a pesquisa e defender em um ano. Talvez seja por isso que achei pouco o tempo que tive no Mestrado para estudar, pesquisar e escrever minha Dissertação.

Durante o Mestrado tive a oportunidade de realizar estágio de Docência no Ensino Superior com a Professora Dra. Carmen Sanches, na disciplina Alfabetização, Conteúdo e Forma, em turmas de Graduação no curso de Pedagogia da UNIRIO. Aprendi a selecionar textos, trabalhar com as turmas usando a teoria em consonância com a produção das crianças, aprendi a organizar o planejamento para a disciplina, organizar atividades para a turma realizar em aula, após as discussões dos textos, dentre outros.

Meu desejo de realizar um trabalho sobre formação de professores alfabetizadores estava cada vez mais se consolidando e com a ajuda de uma especialista em alfabetização como é a Professora Dra. Carmen Sanches, isso foi possível.

Durante o curso, outra oportunidade me foi oferecida; trabalhei junto com a Professora Dra. Nailda Bonatto na disciplina Didática do Ensino Superior, no Curso de Pós-graduação em Biblioteconomia, também na UNIRIO. Nesse curso, apesar de ser Pedagoga, e minha experiência ser mais com crianças, eu contribuía com os estudantes discutindo os textos selecionados pela professora Dra. Nailda onde eu trazia minhas experiências com projetos didáticos e sobre a própria docência.

Em abril de 2008, defendi minha Dissertação intitulada “Professoras alfabetizadoras: as narrativas (auto) biográficas entrelaçando fios da formação”. A banca foi composta por quatro Professores Doutores, além da minha orientadora. Lembro-me que fiquei muito nervosa porque era uma banca de doutorado, muito extensa. E tinha o Prof. Elizeu Clementino de Souza, autoridade máxima em nosso país, na pesquisa (auto)biográfica. Porém, tudo deu certo e eu me tornei Mestre em Educação, com louvor.

Com o término do curso de Mestrado, fui convidada a trabalhar no Ensino Superior, no Curso de Pedagogia, como Professora Substituta na UERJ/FFP em

São Gonçalo, atuando na disciplina Alfabetização IV. Experiência ímpar que me despertou a vontade de me preparar ainda mais para atuar no Ensino Superior.

Como a vida toda trabalhei com crianças, também me inscrevi para fazer prova e entrevista para atuar no CAP/UERJ. Houve essa possibilidade porque no CAP/UERJ, trabalham juntas nas disciplinas do núcleo comum, duas professoras por turma, oferecendo a possibilidade de estarem o tempo todo estudando, dialogando e trabalhando juntas.

A experiência de trabalho no CAP foi muito diferente das que eu já havia vivenciado, pois trabalhavam juntas duas professoras, uma Doutora e uma Mestre, atuando com estudantes dos anos iniciais. Interessante ressaltar que as professoras do CAP trabalhavam com crianças, por sua opção, então o trabalho realizado é o tempo todo com muito prazer e dedicação de pessoas que amam o trabalho que realizam. Ênfase que o trabalho de ponta realizado no CAP/UERJ é amplamente reconhecido pela sociedade.

O CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Durante o curso de Mestrado, me sentia muito mal tendo que dizer que era professora aposentada do Município do RJ, parecia que eu estava falando de um lugar que era muito distante do que estávamos discutindo. Mesmo sendo professora substituta no CAP/ UERJ, e professora da UERJ/ São Gonçalo, não era suficiente, para que eu me sentisse professora do quadro. Então, decidi que antes de ingressar no curso de Doutorado, deveria passar em um concurso para voltar a ser professora efetiva. E assim, por meio de concurso público realizado no ano de 2009 ingressei no quadro efetivo dos docentes do Colégio Brigadeiro Newton Braga, para atuar no Ensino Básico Federal.

Tendo de volta o emprego público que tanto desejava, me inscrevi no processo seletivo da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), para cursar o Doutorado. Esse programa de Pós-Graduação exigia mais dos futuros doutorandos que os outros programas, pois deveríamos realizar prova escrita de conhecimentos específicos em Educação e duas provas de línguas estrangeiras.

O que me agradava nesse programa de Pós-graduação era que ele estava direcionado para a formação de professores e, como esse era o meu objetivo para desenvolver o projeto de pesquisa, aceitei o desafio e fui aprovada de imediato.

Dessa forma, no ano de 2013, ingressei no Curso de Doutorado, mas desta vez, tendo orgulho em dizer: - sou docente em uma instituição de ensino público federal. E assim, comecei a dialogar com as teorias e práticas, não me sentindo mais um “peixe fora d’água”. Percebi que esta minha decisão de trabalhar durante o curso, foi um tanto penosa, pois além das tarefas do Doutorado, tive inúmeras tare-

fas docentes para realizar, mas me sinto orgulhosa em poder dizer que trabalho em uma escola pública federal, além de desenvolver minhas pesquisas em um curso de Doutorado em Educação.

Durante o curso me deparei com algumas dificuldades que fazem parte dessa trajetória acadêmica que escolhi: a distância entre a minha casa e a Universidade (Petrópolis); conciliar o trabalho e os estudos acadêmicos; as inúmeras leituras e trabalhos exigidos durante o curso; os diversos eventos que participei no Brasil e no exterior; os encontros de orientação e o amadurecimento para a escrita final da Tese.

O importante é que três anos depois, no ano de 2016, consegui terminar o curso, me tornando “Doutora em Educação”, concluindo mais um ciclo de estudos e pesquisas em minha vida. Considero ter sido esse, o período mais difícil em termos de estudos, pelo qual já passei, porque para que o ineditismo de uma Tese aconteça, é necessário que o doutorando, faça muitas leituras, discuta o tempo todo, sobre o tema, com outros: a orientadora, os colegas, nos eventos da área escolhida, onde são discutidos temas parecidos, além de realizar uma pesquisa com profundidade, para que a escrita final possa fluir.

Porém, agora com o curso concluído, descobri que a academia nos impulsiona a querer cada vez mais investigar outros caminhos apontados, a partir daquele estudo inicial e, portanto, percebo que vou continuar realizando estudos e pesquisas, tendo a consciência de que este será um norte, que adquiri, a partir do Curso de Doutorado, e que estará sempre presente em minha trajetória. Talvez seja esse, o legado deixado a partir da realização de um curso de Doutorado.

No dia da minha defesa de Doutorado, a professora Pós-doutora Lia Faria que fazia parte da banca, me convidou para participar do grupo de estudos que ela coordenava na UERJ e eu mesmo cansada do curso de doutorado, resolvi aceitar e duas semanas depois comecei a frequentar os encontros do grupo (LER- Laboratório de Educação e República). A professora Lia me pediu que apresentasse minha tese aos colegas do grupo de estudos. Quando terminei a apresentação e respondi aos questionamentos dos colegas e professores presentes, ela me convidou publicamente a fazer um Pós-doutorado com ela.

Depois disso, ingressei oficialmente no grupo LER e me sinto feliz em ter a oportunidade de ter tantos amigos. Em 2018 resolvi ingressar no Pós-doutorado com a Prof. Pós-Doutora Lia Faria. Não sendo professora do Ensino Superior, foi preciso que meu projeto fosse aprovado pelo Colegiado de Professores do PRO-PED/UERJ. Fui aprovada de imediato. Meu projeto foi analisado também por professores de outras linhas de pesquisas que deram seus pareceres favoráveis.

Concluí todas as exigências propostas pela supervisora e no ano de 2019, terminei o Pós-doutorado em Educação no PROPED/UERJ, com apresentação pública da pesquisa intitulada: Memória e história do curso CPM: um curso de Pedagogia, específico para a formação de Professores dos Anos Iniciais, em serviço.

Neste momento, sou Adjunta e Assessora Pedagógica da Divisão de Ensino do Colégio Brigadeiro Newton Braga e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas GEPSAD.

**Cada época não somente sonha a seguinte,
mas ao sonhá-la força-a despertar.**

Walter Benjamin

